



## Desafios e oportunidades do ensino remoto: uma análise do projeto Residência Pedagógica no IFSul/CaVG (Pelotas-RS) durante a pandemia<sup>1</sup>

TRISCH, Jéssica<sup>1</sup>; TOMAZI, Bruna A.<sup>2</sup>; ANDRADE, Suélen<sup>3</sup>; LIMA, Rafael<sup>4</sup>.

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – jessicatrisch@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – bruatomazi@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – suelenandradet91@gmail.com

<sup>4</sup>IFSul/CaVG – rafaelpeterlima@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Com a pandemia do novo coronavírus, que afetou o Brasil a partir de março de 2020, diversas atividades de rotina precisaram ser adaptadas às pressas para o modelo remoto. Na educação, não foi diferente. Ainda que existissem práticas costumeiramente virtuais, como a Educação a distância, o modelo adotado na maioria dos casos foi emergencial, ou seja, sem muito embasamento teórico ou tecnológico, basicamente adaptando como era possível o que era feito no formato presencial. Nesse sentido, Rodrigues (2020) indica que

o novo normal da educação é aquele que deposita nas costas dos professores e professoras a responsabilidade pela educação de milhares de brasileiros e brasileiras e deles cobram êxitos sem dar as devidas condições materiais e psicológicas para desenvolver trabalhos de ponta. (RODRIGUES, 2020, p. 225)

Segundo Arruda (2020), esse é o motivo por que se deve diferenciar o ensino remoto emergencial da educação a distância, pois, nesta última, há extenso planejamento específico, além de profissionais de diferentes áreas que apoiam os professores, que não precisam se desdobrar entre o planejamento do conteúdo e adaptação a formatos, diagramação e conhecimento técnico para gravação de aulas, por exemplo. Para o autor, “a educação remota emergencial é uma mudança temporária da entrega de conteúdos curriculares para uma forma de oferta alternativa, devido à situação da crise” (ARRUDA, 2020, p. 265)

Outro ponto fundamental na contextualização do ensino remoto emergencial é apontar as desigualdades que perpassam a sociedade brasileira, além das diferenças globais, especialmente entre os países do norte e sul geográficos. O acesso à internet e dispositivos eletrônicos, assim como a logística de enfrentamento da questão da educação durante a pandemia, não é uniforme nem no país nem globalmente. Segundo Arruda (2020), países como Espanha, França, Portugal, Inglaterra, Chile, México, Uruguai e, especialmente, China tiveram políticas públicas centralizadas e organizadas, enquanto no Brasil as propostas foram difusas, refletindo a falta de liderança do Ministério da Educação.

Ainda assim, Arruda (2020) afirma que

a educação remota é um princípio importante para manter o vínculo entre estudantes, professores e demais profissionais da Educação. A resposta em contrário pode representar o afastamento por muitos meses de estudantes dos espaços escolares (físicos e virtuais), o

<sup>1</sup> Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

que pode comprometer a qualidade da educação, possivelmente mais do que a implementação de iniciativas que mantenham tais vínculos, apesar das limitações que venham a conferir. (ARRUDA, 2020, p. 266)

Ao pensar o ensino de história como um dos elementos que contribuem para a formação do cidadão (CERRI, 2010; BARTON, 2004), a dificuldade em gerar debates através do ambiente virtual de aprendizagem, e até mesmo de alcançar os alunos, é uma barreira ao princípio básico da disciplina de desenvolver a consciência histórica dentro de uma perspectiva libertadora. Nesse sentido, "conscientizar é um movimento dialógico e bilateral, não a doação unilateral de consciência de quem tem para quem não tem" (CERRI, 2010, p. 272). A partir de alguns dos depoimentos apresentados por Rodrigues (2020), percebemos a dificuldade de colocar essa escolha pedagógica em prática no contexto do ensino remoto. A professora Adriana Fraga Vieira afirma que "alguns [alunos] resolviam as atividade propostas sem consciência e coerência, apenas para dar ciência que estavam frequentando o classroom" (RODRIGUES, 2020, p. 241), enquanto, de forma mais ampla, Andréa Vicente indica que não percebe "o ambiente virtual como capaz de dar conta da complexidade do ato de ensinar e de educar" (RODRIGUES, 2020, p. 232). Outras falas importantes para entender a realidade do ensino emergencial no Brasil são das professoras Andréia Aparecida Signori e Karla Andrezza Vieira, que destacam a pouca familiaridade com o ambiente digital tanto por parte de professores e funcionários como de estudantes.

Descobrimos que somos analfabetos ou semianalfabetos digitais, nós professores (com mais de 40 anos) e os alunos. Sim, os estudantes, tão conectados às redes sociais e aos jogos digitais, se mostraram inoperantes na hora de acessar um e-mail, anexar um arquivo de texto ou realizar uma pesquisa através da internet. (RODRIGUES, 2020, p. 236)

O presente trabalho pretende apresentar alguns desafios e possibilidades que permearam a prática do Ensino de História durante o período da pandemia. As reflexões aqui construídas são resultado direto da experiência das autoras enquanto bolsistas do Programa Residência Pedagógica, no subprojeto História da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), com atuação no Instituto Federal Sul-rio-grandense - Campus Pelotas-Visconde da Graça (IFSul/CaVG), localizado no bairro Arco-Íris, na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul.

## 2. METODOLOGIA

Com o objetivo de reformular o planejamento de forma mais rápida possível, a fim de dar continuidade ao ensino sem comprometer o isolamento social (FERREIRA; BARBOSA, 2020), toda a classe docente assumiu a responsabilidade de se instrumentalizar com recursos tecnológicos, plataformas e aplicativos aos quais, muitas vezes, não haviam tido acesso anteriormente. Cabe aqui o convite a reflexão sobre a falta de preparo, planejamento e organização que a forma repentina de ensino remoto demandou, com pouco ou nenhum apoio tecnológico e pedagógico dos órgãos públicos responsáveis.

Nesse contexto, as aulas remotas para as turmas do IFSul/CaVG foram planejadas buscando aliar ferramentas virtuais gratuitas, conteúdos curriculares básicos e os objetivos do Ensino de História. Assim, foram utilizados diferentes



formatos, como vídeos, jogos, materiais gráficos, memes e, especialmente, a ferramenta Sway. Nesta última, foram desenvolvidas as apostilas do semestre com a principal parte dos conteúdos curriculares. A escolha se deu por ser adaptável a diferentes telas, como computador ou smartphone.

Fundamentalmente, buscou-se elaborar as aulas de maneira que as plataformas e recursos utilizados fossem práticos, dinâmicos e não demandassem a instalação de aplicativos e softwares, gerando menos complexidade para a visualização e interação com o material por parte dos estudantes, além de diminuir o uso de dados, tendo em vista que boa parte dos alunos e alunas da escola usam internet rural ou dados 3G para acessar os materiais - segundo dados coletados através de uma pesquisa realizada pelo IFSul/CaVG.

As propostas de atividades seguem o padrão de duas horas semanais para momentos síncronos coletivos, que possibilitam a troca entre professores e alunos, e os momentos assíncronos, que servem para que os estudantes possam consultar os materiais disponibilizados e realizar as atividades propostas em fóruns semanais no ambiente virtual de aprendizagem.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com os planejamentos e atividades ainda em andamento, podemos observar, até o momento, que a demanda pela inserção repentina no ensino remoto, bem como a adaptação e ambientação em seus meios, não foi uma responsabilidade cobrada apenas dos profissionais da educação, mas também da classe discente. Consequentemente, torna-se importante a reflexão sobre a carência de preparo dos alunos e alunas para frequentar um espaço educacional virtual. Como aponta Signori (2020), existe uma falsa premissa de que os jovens do século XXI, que já nascem imersos em uma sociedade digital, têm a obrigação de saber ou possuem uma inteligência nata do saber digital, quando, na verdade, a desenvoltura em nada tem a ver com as demandas digitais da educação. Para confirmar essa análise, o feedback que recebemos dos estudantes, principalmente em relação ao uso da plataforma e-aula, foi, em certa medida, de confusão: alguns tinham problemas em conseguir acessar a plataforma, em visualizar o conteúdo, enviar arquivos etc.

A queda na participação e a evasão decorrente das aulas remotas podem ser analisadas como um fenômeno de exclusão social do público mais vulnerável por causa vinculada a diversos motivos: doença em casa, necessidade de trabalhar, falta de ambiente de estudo, falta de domínio das ferramentas digitais, falta de autonomia e capacidade de se organizar sozinho, falta de equipamentos e internet, entre outros. Nesse sentido, Lima (2020) adiciona entre as causas a hipótese de que haja uma recusa inconsciente de transformar o uso da internet, que antes era uma ferramenta de lazer para os jovens, em uma ferramenta educacional e de produção de conhecimento.

Finalmente, buscar um ensino de história para a formação cidadã com atividades inovadoras, interessantes e que se adequem ao ensino remoto emergencial e às diferentes realidades dos estudantes nessa pandemia não é uma tarefa fácil. Todavia, os resultados obtidos na totalidade da experiência são satisfatórios tendo em vista a diversidade de turmas trabalhadas, oito em sua totalidade, que inicia no 1º ano com cinco turmas, posteriormente o 2º ano com duas turmas e o 3º ano com uma turma.

Analizando de forma ampla, avalia-se como satisfatórias as participações dos alunos, o envolvimento com os professores, com os conteúdos propostos e



as interações nos fóruns semanais, que compõem parte da nota juntamente às avaliações finais de cada semestre. Creditamos o maior envolvimento, se comparado a diferentes relatos e experiências incluindo aqueles presentes em Rodrigues (2020), à implementação por parte do Instituto Federal Sul-rio-grandense de uma Política Emergencial de Inclusão Digital que investiu aproximadamente 1,5 milhões para a compra de dispositivos e chips com acesso à internet. No entanto, essa medida, apesar de fundamental, foi insuficiente para atender todos os estudantes que precisam.

#### 4. CONCLUSÕES

A partir da experiência de regência no projeto Residência Pedagógica no IFSul/CaVG, foi possível concluir que o ensino remoto emergencial no contexto da pandemia COVID-19 colocou os profissionais da educação e os estudantes em uma situação para a qual não estavam preparados e com pouco ou nenhum auxílio estrutural dos órgãos governamentais competentes. No entanto, por iniciativa individual, profissionais e residentes têm buscado uma instrumentalização que possibilite manter o ensino sem comprometer o isolamento social.

Assim, na Residência Pedagógica, o planejamento e execução dos conteúdos, materiais e aulas leva em consideração todas as especificidades necessárias, desde dificuldades de acesso até as pressões mentais e socioeconômicas. São priorizados formatos adaptáveis aos smartphones - pois sabemos que é a principal ferramenta de acesso -, atividades lúdicas (como jogos, imagens, vídeos e mapas mentais) e, quando utilizados, vídeos curtos que não demandem muitos dados, já que a maioria dos estudantes têm acesso limitado. Da mesma forma, as avaliações são dialogadas, através de fóruns semanais, e o trabalho final aberto a qualquer formato que eles se sintam confortáveis para entregar.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRUDA, Eucídio P. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **EmRede**, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020.
- BARTON, Keith. Qual a utilidade da história para crianças? Contributos do ensino da história para a cidadania. In: BARCA, I. (Org). **Para uma educação histórica de qualidade**. Jornada Internacional de Educação Histórica. 4., Actas... Minho: Centro de Investigação em Educação (CIEd)/Instituto de Educação em Psicologia, 2004. p. 11-27.
- CERRI, Luis F. Didática da História: uma leitura teórica sobre a história na prática. **Revista de História Regional**, 15(2): 264-278, 2010.
- FERREIRA, Luciana H.; BARBOSA, Andreza. Lições de quarentena: limites e possibilidades da atuação docente em época de isolamento social. **Práxis Educativa**, v. 15, p. 1-24, 2020.
- LIMA, Rachel E. Breves reflexões sobre o ensino em tempos de pandemia. Associação Brasileira de Literatura Comparada. Abralic. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, p. 1-5, 2020.
- RODRIGUES, Rogério R. Vozes docentes: lugar de escuta em tempos de pandemia. Fronteiras. **Revista Catarinense de História**, n. 36, p. 224-251, 2020.